

CONEXÕES BRASIL-ANGOLA NA CONSTRUÇÃO DE UMA HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA FEMININA: FASE 2 - ROSA VIRGÍNIA MATTOS E SILVA E AMÉLIA MINGAS

Malungu Job Mateva¹
Eduardo Ferreira Dos Santos²

RESUMO

RESUMO

Introdução: A historiografia da língua portuguesa tem sido tradicionalmente marcada por perspectivas que atribuem pouca centralidade à atuação das populações africanas, afrodescendentes e indígenas na formação das variedades do português. Nesse contexto, as produções das linguistas Amélia Mingas e Rosa Virgínia Mattos e Silva apresentam contribuições relevantes para uma reinterpretação da história do português em Angola e no Brasil, respectivamente, a partir da consideração dos processos de contato linguístico e das condições sócio-históricas de formação dessas variedades.

Objetivo: Analisar as contribuições de Amélia Mingas e Rosa Virgínia Mattos e Silva para a construção de uma historiografia linguística feminina, transatlântica e decolonial, buscando compreender como suas produções acadêmicas abordam o papel das populações africana e afrodescendente na formação das variedades angolana e brasileira do português.

Metodologia: Realizou-se o levantamento e a análise de um conjunto selecionado de textos das duas linguistas, tomando como perspectiva teórico-metodológica as propostas de uma historiografia linguística transatlântica e decolonial (Coelho; Finbow, 2020; Coelho; Santos, 2022; Coelho, 2023). O corpus é constituído por cinco trabalhos de Amélia Mingas, voltados principalmente ao contato entre o português e as línguas autóctones de Angola, e quatro ensaios de Rosa Virgínia Mattos e Silva, centrados nos aspectos sócio-históricos e linguísticos da formação do português brasileiro.

Resultados: A análise evidencia que Mingas atribui papel central aos africanos e às línguas bantu, especialmente ao quimbundo, na constituição e consolidação do português angolano. Mattos e Silva, por sua vez, destaca a atuação dos africanos e afrodescendentes, juntamente com os povos indígenas, na formação do português brasileiro. As produções das duas linguistas, portanto, deslocam o foco de interpretações centradas exclusivamente na matriz europeia e reconhecem a participação de grupos historicamente marginalizados nos processos de formação das variedades do português.

Conclusões: Conclui-se que Amélia Mingas e Rosa Virgínia Mattos e Silva contribuem para uma reinterpretação da história do português em Angola e no Brasil ao colocarem africanos, indígenas e afrodescendentes no centro da formação das variedades angolana e brasileira. Desse modo, suas obras evidenciam a importância de uma perspectiva feminina, transatlântica e decolonial para a historiografia linguística, ampliando a compreensão sobre os sujeitos e os processos históricos envolvidos na constituição da língua portuguesa. **Apoio Financeiro:** PIBIC/FAPESB. Grande área do CNPq: Linguística, Letras e Artes. Este trabalho contribui ao dar visibilidade à atuação de populações africanas, afrodescendentes e indígenas na formação das variedades angolana e brasileira do português, valorizando sujeitos historicamente marginalizados pelas narrativas tradicionais da história da língua. Ao recuperar e analisar as contribuições de duas linguistas mulheres para a compreensão desses processos, a pesquisa também promove uma perspectiva mais diversa, inclusiva e decolonial da produção do conhecimento linguístico. Dessa forma, contribui para a valorização da diversidade linguística, cultural e histórica dos povos envolvidos na formação do português em Angola e no Brasil.

Palavras-chave: Historiografia linguística; Português angolano; Português brasileiro; Amélia Mingas; Rosa Virgínia Mattos e Silva.

Palavras-chave: historiografia linguística decolonial; Amélia Mingas; Rosa Virgínia Mattos e Silva.

Unilab - Bahia, Instituto de Humanidades e Letras, Discente, mateva.mj@gmail.com¹

Unilab - Bahia, Instituto de Humanidades e Letras, Docente, eduardo@unilab.edu.br²